
Gaveta de tradutor *José Paulo Paes*. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1996, 160 pp.

Como o nome já anuncia, este livro é uma reunião de traduções esparsas acumuladas ao longo do tempo e do trabalho de José Paulo Paes, tradutor e poeta reconhecido e respeitado por sua excelência. Reúne poemas que abrangem desde a antiguidade, com Caio Valério Catulo (82-52 a.C.), até escritores ainda atuantes, como Henk Spaan (1948), passando por outros vinte e dois poetas, tais como Giacomo Leopardi (1798-1837), Stéphane Mallarmé (1842-1898), Arthur Rimbaud (1854-1891), William Butler Yeats (1865-1939), Paul Éluard (1885-1952) e muitos outros. O subtítulo anuncia as traduções como sendo “versões de poesia”, e partem diretamente de línguas diversas como o italiano, francês, inglês, grego, espanhol, holandês, apresentando sempre os originais junto das versões em português.

Algumas das traduções são inéditas, mas boa parte já havia sido publicada em outras antologias e livros, e outras em jornais ou

revistas como *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Nicolau*, *Novos estudos CEBRAP*, *Revista de cultura* *Vozes*, *Exu* e *Poesia sempre*. Decorre que o conjunto tem um sabor de reunião, de certa forma aleatória, de exercícios e experiências, e o critério de apresentação foi o cronológico tendo como pontos comuns a língua de chegada e o tradutor. Assim, por essa característica geral, pode-se tentar uma visão da obra sob prismas diversos na expectativa de compreender sua motivação, até chegar a uma análise de alguns poemas e autores contemplados.

O que primeiro chama a atenção é a capa do livro, baseada no quadro *España*, de Salvador Dalí, onde, entre outras figuras, há uma gaveta aberta. Este é o único ponto em comum com o livro, ou seja, a gaveta do título, mas é ligação apenas literal. Abaixo da gaveta estão listados os nomes dos vinte e quatro poetas traduzidos, mas em letras pequenas dificultando a leitura menos atenta. Resta, portanto, o nome de José Paulo Paes como principal ponto de apoio do livro, o que o caracteriza imediatamente como o verdadeiro *autor*.

E, como autor, ele declara na introdução que o livro é uma miscelânea de traduções nascidas ora

do capricho pessoal, ora de solicitações de publicações, ou como resultado de exercícios em oficinas de tradução. E como exercícios de aprendizagem de língua estrangeira seriam as traduções feitas do holandês. Entende a tradução como um impulso positivo de ligação entre diferentes “ilhas idiomáticas”, sendo a poesia o caso mais difícil devido à sua alta concentração expressiva. Por isso o tradutor de poesia deveria ter o mesmo tipo de inventividade do poeta, “ainda que de segundo grau”, concluindo então que dificilmente quem não é poeta “conseguirá fazer traduções poéticas dignas de nome”. Com esta frase cria-se um bloqueio imediato àquele que não é um poeta, mas que experimenta realizar traduções de poesia. Campo perigoso este, pois qual seria o critério para definir um poeta, especialmente nos dias de hoje onde os praticantes da escrita do verso se proliferam numa assustadora taxa de crescimento, ainda maior que a dos próprios leitores de poesia? E que uma espécie de receita “metalingüística” se mistura a uma receita de colagens e citações, ou simples imitações? Certamente este pré-requisito de tradutor de poesia não é o mais apropriado, seja pelo

que contém de fechamento, seja pelo que contém de não-essencial.

Todos os poemas são apresentados de forma bilíngüe, porém a editoração não teve preocupação maior com a disposição dos poemas na página, mesmo quando havia espaço suficiente para sua diagramação. Assim, por exemplo, um poema começa numa página e tem a estrofe quebrada ao meio para continuar em outra página, onde havia espaço para o poema completo. Não é propriamente um defeito, mas sem dúvida é uma perturbação, que é perceptível em “The tyger” (p. 26), de William Blake (1757-1827).

Como não houve um projeto de livro de poemas, a escolha dos trabalhos foi feita sem critérios de quantidade. Assim Giacomo Leopardi ocupa 45 páginas (num livro de 160), sendo que suas traduções já haviam saído no livro *Obras de Giacomo Leopardi*, da Editora Nova Aguilar, em 1996. Enquanto isso outros poetas são contemplados com apenas uma página como, por exemplo, Guillaume Apollinaire (1880-1918). Mas aí um alto grau de inventividade está presente na tradução do poema “Chapeau-tombeau” (p. 90). O poema cria o ritmo e faz a graça com um jogo de

expressões e rimas em francês que não é possível traduzir de forma literal. José Paulo Paes “recria” o poema, mantendo o número de versos e estrofes, mas fazendo várias

e importantes modificações que enriquecem o poema traduzido. Perceba-se a substituição das palavras e o rearranjo dos versos:

CHAPEAU-TOMBEAU	CHAPÉU-MAUSOLÉU
On a niché Dans son tombeau L'oiseau perché Sur ton chapeau	Empoleirado No teu chapéu Eis aninhado Num mausoléu
Il a vécu En Amérique Cet petit cul	O passarinho. Veio de um zoo
Or Nithologique	Lógico O seu cuzinho Ornitológico?
Or	Lógico!
J'en ai assez <i>Je vais pisser</i>	E vou-me já Que vou mijar.

Outros poemas muito curtos são apresentados em seqüência, de outros poetas, não permitindo ao leitor ter uma compreensão da obra dos autores. Porém, como são apresentados numa ordem cronológica, é interessante observar a progressiva perda das rimas e a marcação dura no ritmo dos poemas. Isso vai ser visível especialmente nos poetas que atravessaram o século XX e as grandes guerras. O holandês

Richard Minne (1891-1965) e o alemão Gottfried Benn (1886-1956) são exemplares. E também os holandeses já no final do livro, mas estes parecem ter sido incluídos ao acaso, ou então para fazer valer uma sensação de “grande apanhado poético mundial”. Isso perde o sentido, no entanto, quando se lê os versos de Henk Spaan, do poema “O poeta não...” (p. 153): “O poeta não poeta / mas nos abre remotas

perspectivas / p.ex. mulheres nuas às dezenas / com tetas superlativas.” Provavelmente só o caráter de exercício de aprendizagem da língua permite incluir este poema junto a alguns outros desse livro.

É o caso do excelente poema de William Butler Yeats, “Towards break of day” (p. 88). Toda a

sensação de magia e encantamento do sonho e da amargura estão presentes na oscilação das imagens e no ritmo poderoso que o poeta emprega. E essa mesma sensação é recriada intensamente por José Paulo Paes, como é possível perceber desde a primeira estrofe:

TOWARDS BREAK OF DAY

Was it the double of my dream
The woman that by me lay,
Dreamed, or did we halve a
dream
Under the first cold gleam of
day?

NA QUASE MADRUGADA

Sonhava o duplo do meu sonho
A mulher junto a mim
deitada?
Ou dividíamos um sonho
Ao frio romper da
madrugada?

Assim, misturando poemas de todos os tipos, épocas e línguas, a “Gaveta de tradutor” acaba guardando um apanhado irregular

de trabalhos, alguns meros exercícios e rabiscos, outros criações esplendorosas espalhadas ao acaso entre folhas de rascunho.